



CONCEIÇÃO EVARISTO

ENTREVISTA ¹



A escritora Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, em 1946, numa favela no alto da Avenida Afonso Pena, área valorizada da capital. Com o tempo, a população que lá vivia foi desfavelizada, removida para outros bairros da cidade e da área metropolitana, pois novos prédios e ruas foram construídos na região.

Tendo vivido a infância nesse local, Conceição traz na memória acontecimentos e pessoas desse tempo que, vez ou outra, participam de suas narrativas, como o romance *Becos da memória*, publicado pela primeira vez em 2006. Sua mãe, dona Joana, teve nove filhos, era doméstica, lavava roupas para fora e ainda encontrava tempo para lhes contar histórias, palavras que também fazem parte do “acervo” de Evaristo, que se diz nascida rodeada delas. A autora também trabalhou como doméstica na capital mineira enquanto estudava. Formou-se professora no antigo curso Normal, em 1971, e depois se mudou para o Rio de Janeiro, onde foi aprovada em um concurso municipal para magistério e, posteriormente, no curso de Letras na Universidade Federal daquele Estado. As leituras sempre a acompanhavam: Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Carlos

¹ Entrevista concedida Aline Alves Arruda em no dia 18/07/2007. Foto: divulgação/FLIP



Drummond de Andrade, Carolina Maria de Jesus, Adão Ventura, entre outros, foram de grande influência para ela. Conceição é mestre pela PUC/RJ, onde defendeu, em 1996, a dissertação *Literatura negra: uma poética da afro-brasilidade*. É doutora em Literatura Comparada na UFF, com a tese: *Poemas malungos – cânticos irmãos* (2011). A autora publica poemas e contos na coletânea *Cadernos Negros* desde 1990, e além do romance citado, publicou também *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Canção para ninar menino grande* (2019); ainda o livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2011) e os livros de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014) e *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016). A escritora é chamada para palestras e congressos em todo o Brasil e no exterior, nos quais aborda as questões de gênero e etnia na literatura brasileira.

Ponciá Vicêncio é o primeiro romance de Conceição Evaristo, foi traduzido para o inglês e para o francês e vem sendo tema de artigos e discussões no meio acadêmico desde sua publicação em 2003. A obra narra problemas do cotidiano das mulheres afrodescendentes sob um ponto de vista claramente feminino e negro. O livro foi o tema da minha dissertação *Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo, um Bildungsroman feminino e negro*, defendida em 2007, na UFMG. Na ocasião, fiz esta entrevista com a escritora, que agora publicamos nesta edição de Jangada.

1 – Sei que o conceito de Literatura Afro-brasileira ainda é difícil de se fechar. Muito temos discutido sobre o assunto, mas, para você, em poucas palavras, em que consiste essa literatura?

Para mim a literatura afro-brasileira é uma produção literária nascida da experiência de vida do sujeito negro na sociedade brasileira. Refiro-me agora às palavras de Eduardo de Assis Duarte e de Cuti quando dizem que essa experiência negra se apresenta no texto de maneira consciente ou inconsciente. Ou seja, se o sujeito se resguarda no tempo com essa experiência negra, o ato de ele se resguardar é um indicativo. Eu não abro mão de que essa literatura afro-brasileira tem a ver com a experiência do negro brasileiro.

2 - É conhecida sua frase "não nasci rodeada de livros, mas de palavras". Comente como essa sua vivência com as palavras influencia sua literatura.



Essa minha experiência com as palavras me encheu de acúmulo de histórias. Certamente ela me ajudou a trabalhar minha sensibilidade diante das narrativas. Isso me provocou um certo encantamento, uma certa curiosidade em querer ouvir mais. Hoje tenho consciência de que quando ouço tais narrativas de familiares ou amigos, já preparo meu ouvido para o que poderei aproveitar dali, antes era inconsciente. Meu texto não é somente intuitivo, eu o trabalho, escolho as palavras, leio o texto em voz alta, choro com o texto. Essa experimentação me trouxe o encantamento pelos sons das palavras. Gosto de ficar testando-as. Nesse sentido que digo que não é intuitivo. Se é intuição, há um trabalho com ela. Eu costumo ficar meses com o texto na cabeça, experimentando-o.

3 – A escolha dos nomes dos personagens são exemplos dessa intuição?

Sim, eu não sei por exemplo, de onde veio o nome Ponciá. O nome Nêngua, por exemplo, foi intuitivo, sonoro. Só depois de muito tempo, descobri que o significado se encaixava, como está escrito no dicionário de Nei Lopes. Gosto também de inventar nomes. Fico procurando aqueles que me lembram a sonoridade das línguas africanas, como Ponciá, Nêngua e Luandi. O prazer que o som da palavra me dá me ajuda na escolha dos nomes.

4 – E os personagens masculinos? Alguns não têm nome como o pai e o marido de Ponciá...

Me preocupou muito também porque não dei nome para esses dois, e coincidentemente são personagens masculinos. Não quis dar invisibilidade a eles... E existem no romance os personagens Luandi, Soldado Nestor, Negro Climério... Este último gosto da sonoridade, assim como gosto de Alírio, personagem de *Becos da Memória*. Já Davenga, personagem do conto “Ana Davenga” eu estava em algum lugar quando alguém contou de um Davenga que dançava jongo. Achei na hora o nome bonito. Agora, em *Ponciá Vicêncio*, fui ao dicionário banto para escolher palavras como “angorô”. Eu sabia que as pessoas associariam o arco-íris ao mito de Oxumaré, mas quis valorizar a cultura banto.

5 - O que personagens como Nêngua Kainda e Vô Vicêncio representaram na criação do romance, já que elas estão tão ligadas à memória coletiva?



Algumas vezes crio primeiro os personagens e depois o enredo do romance. Não me lembro se foi assim com *Ponciá Vicêncio*, porque o escrevi há muito tempo. Quando criei a personagem Nêngua, achei-a parecida com o personagem velho e sábio que dá nome ao romance *Jubiabá*, de Jorge Amado. Se foi uma influência, não sei. Lembro pouco do personagem mas sua imagem de conselheiro ficou na minha memória. Quando escrevi “Ana Davenga”, a primeira imagem que me veio na cabeça foi a de “Meu guri”, de Chico Buarque. Com isso quero dizer que há interferências, intertextos. Isso pra explicar que eu realmente não sabia o significado de Nêngua, mas pode ter vindo a influência intuitivamente, inconscientemente, a escrita tem muito disso. Às vezes me dá uma certa insatisfação por ser Vô Vicêncio. Eu acho que eu queria que fosse uma avó. Depois que reli o texto fiquei pensando: porque eu não coloquei uma mulher? Também outro aspecto que chama a atenção no romance é que a esperança e a resolução do enredo vem através de Luandi, pela sua retomada de consciência.

6 - Em *Ponciá Vicêncio*, a questão da arte é fundamental para a estrutura do romance. Como você vê o trabalho do barro feito por sua protagonista?

O barro pra Ponciá é a arte. E eu acho que a arte é uma forma de escapatória. Como foi para Bispo do Rosário. A arte te dá a possibilidade de viver no meio de tudo sem enlouquecer de vez. Ela permite suportar o mundo. O ser humano tem essa necessidade. O que mantinha Ponciá viva e o que possibilitou o reencontro com sua família foi o barro. No final, quando ela anda em círculos é como se estivesse trabalhando uma massa imaginária. Ela cuida das ausências porque estas se percebem e se transferem para o corpo, como com Vô Vicêncio, com braço cotoco. A ausência de sua mão é que o faz reconhecido, percebido. Eu trabalhei bastante o texto final do livro. Eu queria falar da própria arte da literatura. Quando construo o texto e trabalho as palavras, é como Ponciá trabalha o barro. Aquele cuidado dela é como o que a escritora tem com a feitura do texto. No final são passado e presente se juntando. Há um trecho que ilustra isso (a escritora abre o livro e lê em voz alta): “Com o zelo da arte, atentava para as porções das sobras, a massa excedente, assim como buscava ainda significar as mutilações e as ausências que também conformam um corpo. Suas mãos seguiam reiventando sempre e sempre. E quando quase interrompia o manuseio da arte, era como se perseguisse o manuseio da vida, buscando fundir tudo num ato só, igualando as faces da moeda (p.131)”. Essa arte é a escrevivência. Quanto ao mito de Nanã, eu não me lembrei dele quando escrevi o romance. Eu



sabia do mito de Oxumaré, embora não tenha me vindo na cabeça quando escrevi o livro. O arco-íris veio de minhas lembranças de menina.

7 – Sobre o final do romance, há algumas interpretações que o consideram triste, com a protagonista terminando louca. O que você acha?

Acho que no final Ponciá se apazigua, porque, se viver a loucura até as últimas consequências é uma forma de apaziguamento, ela se apazigua. Em seu momento de ausência, no olhar vazio, ela via muito mais do que outras pessoas. Mas há muitas interpretações, como a morte de Ponciá, um afogamento... Já me pediram que escrevesse outro romance a partir do final deste, mas acho que nunca será Ponciá novamente. Admito que há uma tristeza que persegue a personagem e acredito que essa tristeza é a própria solidão do ser humano.

8 - Sabemos que seus dois romances demoraram a chegar ao público. Como é seu tempo de elaboração da escrita?

Eu demoro a escrever. Não acho que preciso correr. Tenho dificuldade para cumprir os prazos (risos), meu tempo é outro. Mas demora tanto primeiro porque tem a questão da insegurança: “será que esse texto está bom mesmo? Será que já posso mostrá-lo?”. Aí se junta a dificuldade de publicar um livro também. Ponciá só foi publicado porque a professora Maria José Somerlate, depois de tomar conhecimento do livro, insistiu que eu o publicasse, mas apesar da vontade, eu tinha inibição. Então Maria José me apresentou a Mazza, que publicou o livro através de sua editora.

9 - Na Literatura Afro-brasileira são comuns as apropriações e as paródias. Como é o caso de Oliveira Silveira e a "Outra Nega Fulô", também "Licença, meu branco", de Marcio Barbosa, que parodia Manuel Bandeira. Esses são exemplos de poemas, mas, no seu caso, podemos considerar *Ponciá Vicêncio* uma apropriação do gênero "romance de formação"?

Olha, quando li seu texto e o de Eduardo percebi que a trajetória de Ponciá Vicêncio não é uma trajetória do herói clássico, parece que ela chega ao final sem nada. E Luandi joga fora aquela vitória, aquela farda e vai começar por outro caminho, que não seria o chamado “vitorioso”. Em *Becos da Memória*, temos Vó Rita, que também não tinha bens materiais, e sua trajetória



no final ganha outros contornos. Zilá Bernd, por exemplo afirma que Zumbi representa esse grande herói porque, além de ser um escravo, ele era um escravo fugido. Em Salvador, nas comemorações dos 300 anos de Zumbi, foi declamada uma frase que ficou entre nós: “estamos comemorando 300 anos da imortalidade de Zumbi”. Fiquei pensando nessa trajetória que a gente conhece de herói e fiquei pensando nesse Zumbi que nós ali comemorávamos a vitória dele ainda 300 anos depois. Sua heroicidade vem da resistência e persistência. Por isso foi um herói negro, embora hoje seja considerado um herói nacional. Quando Solado Trindade canta que sua voz é a voz de Zumbi, ele se sente seu herdeiro. Então, a heroicidade de Zumbi não se completa nele, ela se faz ao longo dos anos na própria coletividade que ele representa. Daí fico pensando: será que os textos *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória* não apontariam uma forma diferente de desenrolar a história? O que indica que Ponciá perdeu? Será que encontrar sua ancestralidade é uma perda? Será que Vó Rita continuando todo trabalho dela, saiu sem nada? A narradora de *Becos* tem a certeza, desde o início que um dia escreveria aquela história. Essa forma de escrever ou reescrever apresenta sim uma paródia, mas não explícita. Uma vez ouvi Marina Colasanti lendo um conto seu lindíssimo que se chama “Menina de vermelho a caminho da lua”. Quando ela acabou a leitura, alguma coisa me incomodou. Em conversas com Miriam Alves, tentava descobrir o que era. E aí pensei que se fosse uma de nós escrevendo aquela história, seria diferente. Porque a personagem que faz uma prostituta era culpada e algoz ao mesmo tempo, não é uma prostituta Bilisa. Então se nós tivéssemos escrito “Menina de vermelho a caminho da lua”, seria de outra forma, talvez aí esteja a paródia.